

# João Guimarães Rosa e suas aves: era ele um observador de aves?



Luiz Fernando de Andrade Figueiredo

“AMAR É A GENTE QUERER SE ABRAÇAR COM UM PÁSSARO QUE VOA”  
JOÃO GUIMARÃES ROSA, EM *DO DIÁRIO EM PARIS* (AVE, PALAVRA).

João Guimarães Rosa, médico, diplomata e escritor mineiro, membro da Academia Brasileira de Letras, autor de diversas obras que em geral têm como cenário os sertões de Minas Gerais, é pródigo em sua obra com referências às aves (Tabela 1). E isto feito sempre num contexto de vida dessas espécies, de seu comportamento, sua voz, sua alimentação, sua ocorrência, seu habitat e até mesmo das crendices que o povo tem a respeito de algumas delas. Também, nas "cadernetas" e "cadernos" de anotações de Rosa, depositadas no Arquivo João Guimarães Rosa, do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, há diversas anotações referentes às aves, tanto de suas observações de campo como de outras fontes. Inevitavelmente, algum dia esse aspecto de sua obra deveria ser melhor estudado.

Apresenta-se aqui, a tese de que ele era um ativo observador de aves. Para isto, utilizou-se a seguinte caracterização do observador de aves:

1. **Interesse pelas aves:** um observador de aves tem um interesse visivelmente maior que o comum das pessoas pela contemplação das aves em liberdade, podendo fazer desse interesse um *hobby* que ocupa grande parte de seu tempo.

2. **Reconhecimento pelos demais:** por ter esse gosto destacado, as pessoas notam isto e comentam com ele sobre aves que viram ou coisas relacionadas com aves. É comum que parentes, amigos ou conhecidos em geral, com o objetivo de agradá-lo, tragam para ele publicações, informações e materiais diversos relacionados com as aves e sua observação.

3. **Uso de equipamentos:** para tornar a observação de aves mais interessante o observador poderá adquirir equipamentos comumente usados nessa prática, com o objetivo de utilizá-los principalmente nessa atividade, tais como: binóculo, máquina fotográfica, gravadores para gravar vozes e fazer *play-back*, etc.

4. **Leituras sobre aves:** da mesma forma, poderá comprar publicações sobre aves ou procurá-las em bibliotecas ou internet para aumentar seu conhecimento sobre o assunto.

5. **Viagens de observação de aves:** poderá também fazer viagens especificamente para observar aves em lugares especiais para isso.

6. **Conhecimento dos nomes das espécies:** o observador de aves, naturalmente, conhece um número maior de espécies de aves que as pessoas em geral, sabendo identificá-las por seus nomes populares e eventualmente também por seus nomes científicos.

7. **Conhecimento da biologia das espécies:** pode interessar-se também por conhecer aspectos diversos da vida das aves, seu comportamento, reprodução, alimentação, etc.

8. **Relacionamento com outros com o mesmo gosto:** com o objetivo de compartilhar os conhecimentos, as experiências e emoções com a observação de aves.



Figura 1. Tucano-toco, *Ramphastos toco*, citado por Guimarães Rosa como tucano-açu, em Sagarana (1946). Foto: Arthur Macarrão.

9. **Elaboração de listas de aves:** sabendo identificar espécies em campo, é comum que os observadores façam listas de espécies do lugar onde moram, áreas verdes urbanas, localidades que visitam, etc.

O tema aqui apresentado foi desenvolvido na sequência considerada acima.

1. **Interesse pelas aves.** Vilma Guimarães Rosa (2008), a filha primogênita, relata: "Ele prendia-se na observação das plantas e dos bichos, interessava-se pela botânica, pela entomologia e pela geologia, para melhor conhecer as coisas que amava". Mais à frente, nessa mesma obra, complementa: "E os pássaros o alegravam." Mesmo quando criança, já tinha a opinião de que aves não deviam ser engaioladas: "Sua grande travessura, na infância, contou-me vovó, foi abrir o viveiro e soltar todos, feliz em restituir-lhes a liberdade."

Vilma (Rosa 2008) relembra ainda, do tempo em que moraram no Rio de Janeiro: "Certa vez, ele ia para o ministério, muito antes do expediente normal, quando teve a atenção puxada pelos ouvidos para o chilreio dos pardais nas árvores da rua Marechal Floriano. E ficou a imaginar que distinguia os sons dos pássaros conversadores, loquacíssimos. E quando deu pelo tempo, estava em pleno Campo de Santana, entre os ficus povoados pela passarada."

Em algumas correspondências para os familiares, Rosa inclui relatos de contatos com aves, demonstrando ser esse interesse por elas coisa habitual em sua vida.

Exemplo disso é a correspondência de cinco de julho de 1958, quando escreveu do Rio de Janeiro para seus pais, sobre a viagem a Brasília, onde se construía a nova capital (Rosa 2008):

Desta vez, não vi mais tantos bichos e aves, como da outra, em janeiro do ano passado - quando as perdizes saíam assustadas, quase de deba-

ixo dos pés da gente, e iam retas no ar, em vô baixo, como bolas peludas, bulhentas, frementes, e viam-se os jacus fugindo no meio do mato, com estardalhaço; e também veados, seriemas, e tudo. Mas eu acordava cada manhã para assistir ao nascer do sol, e ver um enorme tucano colorido, bellissimo, que vinha, pelo relógio, às 6 hs 15', comer frutinhas, durante dez minutos, na copa alta de uma árvore pegada à casa, uma "tucaneira", como por lá dizem. As chegadas e saídas desse tucano foram uma das cenas mais bonitas e inesquecíveis de minha vida.

Confessando ser essa cena do tucano uma das mais belas de sua vida, a despeito de já ter viajado para muitos lugares do mundo, constata um gosto notável e diferenciado pelas aves.

Em *São Marcos*, um conto claramente autobiográfico (o relato é na primeira pessoa e ele se refere ao João-de-Barro como "meu xará") o personagem mostra um acentuado interesse pela observação de algumas aves e até por uma crendice popular acerca do João-de-Barro:

... para namorar o namoro dos guaxes, pousados nos ramos compridos da aroeira; para saber ao certo se o meu xará João-de-Barro fecharia mesmo a sua olaria, guardando o descanso domingueiro.

...para estudar o treino de concentração do jaburu acromegálico.

O conto *Histórias de Fadas* é todo dedicado ao relato do envio, por avião, de doze beija-flores procedentes de Pernambuco, para o Zoológico de Copenhague.

Em entrevista a Pedro Bloch, publicada na revista *Manchete* N° 580, de 15/6/1963, referindo-se a suas viagens pelos sertões de Minas Gerais, Rosa declara:

Cada pássaro que voa, cada espécie, tem vô diferente. Quero descobrir o que caracteriza o vô de cada pássaro, em cada momento. Não há nada igual neste mundo.

**2. Reconhecimento pelos demais.** O livro *Aves*, publicado pelo Ministério da Educação e Cultura, da coleção particular de Rosa, foi doado a ele em 1963 por uma amiga, conforme dedicatória aposta neste livro. Atesta, certamente, que o gosto de Rosa por animais e aves em particular era conhecido de seus amigos.

Nos inúmeros trabalhos escritos sobre a obra de Rosa, muitos autores notaram e registraram esse interesse destacado que ele tinha pelas aves. Meyer (1998) analisando a presença da natureza em sua obra e referindo-se aos textos intitulados *A Boiada* (Rosa s/d a, s/d b), documentos datilografados a partir de cadernos de campo de Rosa (com dados referentes à viagem acompanhando vaqueiros pelo sertão mineiro em 1952), assim se refere a sua relação com as aves:

Guimarães Rosa é um apaixonado por passarinhos. Ele descreve cada espécie baseado em observações empíricas e, mais, reproduz os sons de cada ave através de vocábulos onomatopéicos. Essa linguagem canora invade as páginas do diário principalmente ao amanhecer e entardecer, e o conjunto dá uma sensação de uma orquestra...

Essa mesma autora (Meyer 2006) em outro momento assim escreve:

Guimarães Rosa traz a passarinhada do sertão para dentro das páginas, mas não de forma aleatória. Anota o nome popular, descreve suas características, reproduz o canto de acordo com as horas do dia e da noite.

O interesse de Rosa pelas aves se dava também, claro, pela possibilidade de incorporá-las em sua obra literária. Num diálogo com Rosa, com quem esteve num vapor em um percurso pelo rio Paraná, o escritor Manoel de Barros relata (Revista Cultural 1995):

Eu fabricava coragem para puxar uma prosa com aquele João. Nessa hora as mariposas tocavam na água as bundas. Uma anhuma rasou por cima de nós, levando fagote. Eu disse para o Rosa ouvir: o

canto desse pássaro diminui a manhã. Rosa pôs tento. Ele tinha uma sede anormal por frases com ave. Me olhou sentado na frase e se riu para mim. Gostou que eu estava fraseando no vento. Quer dizer que esse anhuma diminui a manhã? – ele perguntou. Eu disse: um homem que não tem ensino me ensinou. Ele não tem informação das coisas, mas adivinha. Rosa disse: quem acumula muita informação pode perder o dom de adivinhar.

João Henrique Ribeiro, o seu Zito, vaqueiro que acompanhou Rosa na viagem pelo sertão mineiro em 1952, em entrevista à Revista *Cult* relata, logo que Rosa chegou para a viagem:

E lá tinha um sabiá cantando e o Rosa ficou encantado. "Que quê isso São Pedro? Cadê a chuva? Que que há São Pedro?" (imita o passarinho cantando). O sabiá tava pedindo chuva, ele falava direitinho. Sabiá é aquele marronzinho. O Rosa ficou entusiasmado com aquilo.

Em outra oportunidade, o seu Zito revela (Ribeiro & Boffa 2001) que nessa mesma viagem acompanhando o gado, Rosa gostava muito de perguntar "sobre as árvores, os pássaros. Ele perguntava: - Que passarinho é aquele? O que ele come? O que ele faz?"

**3. Uso de equipamentos.** Em *São Marcos* que, como foi dito, é claramente autobiográfico:

E eu levava boa matalotagem, na capanga, e também o binóculo.

De fato, Rosa teve um binóculo, o que é confirmado por Vilma Guimarães Rosa (inf. pessoal), sua filha primogênita. Vilma diz lembrar-se que Rosa tinha o binóculo desde que ela era pequena. Segundo ela, o paradeiro deste binóculo é desconhecido.

**4. Leituras sobre aves.** Quando Rosa foi incumbido de fazer a tradução do romance condensado *Last of the curlews* (O último dos maçaricos), de Fred Bodsworth, referente ao *Numenius borealis*, para a revista *Seleções do Reader's Digest* (vol. VI, 1958), recomendou o livro dos Estados Unidos e também livros de ornitologia, conforme testemunha Manuel Bandeira: "Rosa mandou vir dos Estados Unidos o romance completo. Mandou vir também tratados de Ornitologia." (Rocha 1996).

De fato, na biblioteca pessoal de Rosa, hoje depositada no IEB - Instituto de Estudos Brasileiros, da Universidade de São Paulo, constam em torno de 60 publicações relacionadas com animais. Como Rosa era um grande poliglota, entre esses livros encontram-se diversos em alemão, francês e inglês, além dos que estão em língua portuguesa. Há livros de zoologia geral, outros de animais em geral e alguns bem específicos, até sobre a psicologia dos animais, sendo que um deles refere-se à psicologia de animais domésticos. São famosos os gatos de estimação de Rosa. Em torno de meia dúzia, são livros ou livretos publicados por jardins zoológicos. Rosa era um grande frequentador dos jardins zoológicos. Na obra póstuma *Ave, Palavra*, há seis relatos poéticos de visitas a jardins zoológicos. Dos insetos, dos quais Rosa gostava muito também, há seis livros. Também um só de aranhas, um de invertebrados, quatro de peixes, um de sapos, um de serpentes, um sobre o puma, outro sobre a lontra. Os específicos de aves são os seguintes:

- Bodsworth, F. (1955) *Last of the Curlews*. New York: Dodd Mead & Company.
- Brissaud, S. (1942) *Nos amis les oiseaux*. Paris: Fernand Nathan.
- Cruikshank, A. D. (1953) *The perfect guide to the birds; Eastern and Central North America*. New York: Pocket Books, Inc.
- Delamain, J. (1928) *Porquoit les oiseaux chantent*. Paris: Librairie Stock.
- Fisher, J. (1946) *Watching birds*. New York: Penguin Books (Pelican Books).
- Godfrey, W. E. (1956) *Some canadian birds*. Ottawa: The Minister of Northern Affairs and National Resources.
- Heinroth, O. (1938) *Aus dem Leber der Vögel*. Berlin: Verlag von Julius Springer.

- Heritier, P. (1944) *Le calendrier des oiseaux*. Marseille: Sagittaire.
- Lobo, F. S. ed. (1963) *Aves*. Rio de Janeiro: Artes Gráficas Gomes de Souza (publicação do MEC).
- D'Oliveira, M. P. (1928) *Aves da Península Ibérica e especialmente de Portugal*. 3a ed. Coimbra: Imprensa da Universidade.
- Peterson, R. T. (1949) *How to know the birds; an introduction to bird recognition*. New York: The New American Library.
- Sick, H. (1963) *A proteção das aves contra a umidade*. Rio de Janeiro: Museu Nacional. (Publicações Avulsas).
- Sick, H. (1965) Sons emitidos pelas aves independentemente do órgão vocal; caso de *Conopophaga lineata* (Wied). Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras.
- Themido, A. A. (1952) *Aves de Portugal; chaves para sua determinação*. Coimbra: Coimbra Ed.
- Wilhelm, H. T. (1936) *Was flieg denn da? Tabelle zur Bestimmung der Vögel mitterleuropas von Wilhelm Götz und Alios Kosh*. Stuttgart: Franckische Verlagsdruckerei.

Há, portanto, na biblioteca de Rosa, livros especializados sobre as aves e sua observação. Um deles (Fisher 1946) é específico da prática da observação de aves. Outro (Peterson 1949) é um guia de campo, destinado à identificação das espécies. Um livrinho, que Rosa encomendou da Europa (D'Oliveira 1928), é estritamente técnico, inteiramente dedicado a chaves de identificação de aves.

Josué Montello (1984) refere-se assim a uma carta recebida de Rosa em sete de maio de 1957:

Recebi longa carta de Guimarães Rosa, com este pedido: "Preciso de informações sobre aves européias, em português, para um estudo que estou fazendo, e queria ver se você conseguia aí, para mim: Catálogo das aves de Portugal, publicado por A. F. Seabra, em 1911; Aves da península, por Paulino de Oliveira, e Catálogo das aves, por Dom Carlos de Bragança." Tratei de me por em campo, percorrendo os antiquários de livros, e juntando os volumes. Neste momento, já estão eles a caminho do Brasil, por avião. Nem se compreende que, em se tratando de aves, eu deixasse de optar pelo vôo, para atender ao Rosa.

Em 18 de maio de 1957, Montello (1984) recebe carta de agradecimento de Rosa e assim a transcreve:

"Estou hirto, hirsuto, hermético, levantado no ar: de alegria e pasmo! Deus-do-céu, desta vez foi ainda mais você mesmo, mais Josué, mais mágico. Escrevi a carta, pisquei os olhos... e de repente me entra aqui na Divisão de Fronteiras, ontem, 13, segunda-feira, matinal, o nosso colega João Navarro da Costa, voado daí da Península feito um pássaro, sobraçando o pacote amicíssimo, com os poderosos livros dos ditos, pássaros também, companheiros dele na incrível arribação e revoada; oh! Oh, Josué, como agradecer? Como, principalmente, admirar na exata medida desmedida, saber louvar tão alto?! Caminharei na chuva, voarei, nidificarei, palmilharei, pró-Josué, enquanto, e tanto. Gratíssimo. Já percorri os livros. Preencheram o que para que eram."

Rosa, pelo jeito, só faltou mandar-me, em gravação, um tataral de asas. Que está implícito, aliás, no seu modo de escrever.

Que estudo estaria Rosa fazendo, para o qual necessitava de informações sobre aves européias?

No Caderno Nº 24, nas páginas 20 a 28, em seguida ao título "Aves ("Pássaros do Brasil" E. S.)", Rosa relaciona informações sobre diversas espécies, informações essas certamente obtidas no livro *Aves do Brasil*, de Eurico Santos, cuja primeira edição é de 1940. Estão registradas para cada espécie, seus nomes científicos, populares, descrição, distribuição, ninhos etc.

No Caderno Nº 25, Rosa registrou o título "Sumula histórica e sistemática da Ornitologia de Minas Gerais, por Olivério Pinto, 1952", seguida de uma breve informação sobre a ema, indicando que Rosa leu esse trabalho. Em seguida a essa anotação, o lembre-

te: "[ler o livro de Reinhardt (J. Reinhardt)]". Trata-se de "Reinhardt, J. (1870) *Bildrag til Kundskab om Fuglefaunaen i Brasiliens Campos*. Vidensk. meddel. Naturhist. Foren. Kjöbenhavn 1-124 e 315-454" citado em rodapé da Sumula Histórica, onde Olivério Pinto comenta "a importantíssima contribuição" deste autor para o conhecimento da avifauna dos campos do Brasil (Pinto 1952).

**5. Viagens de observação de aves.** Não há informação de que Rosa tenha viajado a algum lugar com o objetivo específico de observar aves. Entretanto, nos lugares para onde viajava, aproveitava para observar as aves e dar notícias delas.

Na viagem que fez ao pantanal mato-grossense, cuja experiência aproveitou para escrever a estória *Com o Vaqueiro Mariano*, Rosa faz referência a aproximadamente 30 espécies de aves.

Em 26 de maio de 1939 escreve de Hamburgo, Alemanha, para o irmão (Rosa 2008):

As cegonhas, que tinham passado o inverno nos países do Mediterrâneo - no Egito, na Síria, na Líbia - já regressaram aos seus velhos ninhos, instalados junto às chaminés dos chalés. O rouxinol canta, a noite inteira, nos galhos dos castanheiros-bravos, onde esplendem, em candelabros minúsculos, os cachos das flores alvíssimas.

Demonstra aqui que leu a respeito dessas aves, pois dá detalhes de seu paradeiro migratório.

Em 16 de setembro de 1942, escrevendo de Bogotá para as filhas Vilma e Agnes (Rosa 2008):

E há lá também uns urubus de cabeça vermelha, chamados "jotes", ou "gallinazos".

Em 25 de novembro de 1947, escrevendo do Rio de Janeiro para o pai, descrevendo a viagem que fez ao pantanal (Rosa 2008):

Garças, socós, biguás, socós-bois, baguaris, biguatingas, jaburús, tabuiaias - são aos milhares, pousando, voando, gritando e mergulhando, por toda a parte. As enormes emas, aos bandos, quase esbarram na gente.

Na mesma carta:

Os papagaios e araras vêm pousar na cerca do curral, na hora de se tirar leite. Patos bravos, marrecos, maitacas, etc, não têm conta.

**6. Conhecimento dos nomes das espécies.** Rosa é indiscutivelmente o escritor brasileiro que mais utilizou nomes de aves em sua obra. A maioria desses nomes pode ser relacionada com as respectivas espécies e seus nomes científicos por três motivos: o primeiro é pelo fato dos nomes usados por ele serem atribuídos exclusivamente ou preferencialmente a determinadas espécies, outro motivo é a distribuição geográfica das espécies, já que a obra de Guimarães Rosa se baseou quase que integralmente em suas andanças pelos sertões de Minas Gerais e pantanal mato-grossense; por fim, pelo fato dele frequentemente fazer descrições do comportamento, voz, alimentação e outras características das aves que citou. Um bom exemplo deste último motivo é a passagem em que se refere ao narcejão, *Gallinago undulata* (Uma História de Amor):

Um passarinho, que há, de vereda, aquele que é pardo pedresado, e com umas pintas e é do tamanho de uma juriti, mesmo um pouco menor, mas de bico comprido - por exemplo; fica em beira de poço, beira de vereda, não canta de dia, nem de dia ninguém não vê: ele canta de boca-da-noite até à meia-noite, os veredeiros gostam dele lá, porque canta esprivado: - 'Água só!... Água só!...' Bonito ele não é. Mas, nas águas, quando está vesprando chuva, ele canta muito, e viaja para fora, vem até no duro do Gerais, nas chapadas. E os geralistas não gostam, porque dizem que ele canta é: - 'Reza, povo!'

Reza povo!...' E então, também tem vez, mas muito em raro, que esse pássaro dá de aparecer mesmo até cá no Baixio, e a gente ouve que ele não fala nada, de juízo, ou então perdeu o significado, o que ele diz é assim: - 'E tiriririri-chó-chó-chó, chão-chó chão-chó!...'

Rosa não sabe seu nome, mas o conhece bem, por seu aspecto, comportamento e até por credences que o povo tem a respeito dele.

A citação das aves na obra de Rosa, nem sempre parece ser mero recurso literário. Algumas vezes é, com certeza, como os urubus se aglomerando após as batalhas do *Grande Sertão*, ou a simpatia de Riobaldo pelo manoelzinho-da-croa, ave preferida de Diadorim, portanto, extensão do amor de Riobaldo por Diadorim. Outras vezes, elas entram na cena como se estivessem sendo relacionadas numa lista, como os observadores de aves e ornitólogos fazem. O desconhecimento do nome de uma ave não inibe Rosa de mostrá-la como se fosse um simples registro de sua presença (*São Marcos*):

... ou que volte a vir aquele pássaro verde-mar com pintas brancas, do qual ninguém sabe o nome por aqui.

Agora, outra desconhecida, verde-escura esta, parecendo uma grande andorinha. Vem sempre. Tem vôo largo, mas é má nadadora. E incontável: toma seu banho de lagoa, vai lá adiante no brejo, e mais tenta ligeira imersão no riacho.

Ou em *Duelo*:

Tem o marreco de bico grande, e outro azulado, e um com enfeito de muitas cores... Tem o marrequinho rabudo, que assobia...

Rosa, em certo momento, dá clara mostra de seu limite no conhecimento das espécies de aves que existiam nos lugares por onde passava, mostrando que ambicionava, de certo modo, conhecê-las também (*Buriti*):

...para além, escuro, o laranjal, que desconhecidos pássaros frequentavam.

Em *Minha Gente*, que como se disse deve ser autobiográfico, José cita os nomes científicos de duas aves, o que demonstra que provavelmente Rosa leu isso em alguma obra ornitológica, ou ouviu de pessoa conhecedora de ornitologia:

- Gênero *turdus*... Um flavipes ou rufiventris...

O arranjo "*Turdus flavipes*" foi preponderante por boa parte do século XIX e início do século XX (José Fernando Pacheco, inf. pessoal). Posteriormente passa a ser tratado em gênero à parte (*Platycichla*) e apenas recentemente retornou ao gênero *Turdus* (CBRO 2008). Fica claro, portanto, que Rosa teve contato com literatura ornitológica técnica. Uma obra à qual ele pode ter tido acesso, como já foi comentado, é Reinhardt (1870), que tem o tratamento "*Turdus flavipes*". Também o livro *As Aves do Brasil* (Goeldi 1894-1900), popular na época e que teve uma grande tiragem (José Fernando Pacheco, inf. pessoal) e na qual o sabiá-una também é assim tratado.

Da mesma forma, em *O Recado do Morro*, Rosa usa um nome científico: "Lapas, com salitrados desvãos, onde assiste, rodeada de silêncios e acendendo globos olhos no escuro, a coruja-branca-de-orelhas, grande mocho, a estrige cor de pérolas - strix perlata." Esse nome foi também usado por Goeldi (1894-1900) para a coruja que hoje é tratada como *Tyto alba*. Rosa mostra aqui o conhecimento do significado das palavras latinas que deram o nome científico à ave: strix ("estrixe") = coruja; perlata = cor de pérola (Jobling 1991). Entretanto, o nome popular usado por Rosa ("coruja-branca-de-orelhas") não faz sentido, pois *Tyto alba* não apresenta o arranjo de penas na cabeça, que em outras corujas são chamados de "orelhas".

Em *Cara-de-Bronze* volta a usar um nome científico: "strix hugula". Na verdade, *Strix huhula*. Houve aqui certamente um erro gráfico ou equívoco do autor, pois essa espécie não teve esse tratamen-

to, pelo que se depreende da revisão de Cory (1918). Da mesma forma, em seu Caderno Nº 19, relacionando as aves da "Ilha Bananal", Rosa escreve: "môcho-prêto = Ciccaba huhula".

Também em *Cara-de-Bronze*, Rosa dedica um extenso rodapé apenas para relacionar plantas, aves e mamíferos, como numa listagem feita por um estudante da natureza.

No Caderno Nº 1 (Intitulado "Animais") Rosa relaciona nomes populares e algumas outras informações sobre aves do Museu de Caça e Pesca, indicando que o visitou. Esse museu pertencia à Divisão de Caça e Pesca do Ministério da Agricultura e sua coleção iniciou-se em 1936. O acervo passou em seguida para o Museu da Fauna e em 1993 para o Museu Nacional. Álvaro Coutinho Aguirre e Antonio Domingos Aldrighi elaboraram o Catálogo das Aves do Museu da Fauna (Aguirre & Aldrighi 1983, 1987). Esse catálogo tem uma particularidade interessante: nomes populares são indicados não para as espécies, mas para cada espécime, indicando que os coletores devem ter obtido esses nomes na localidade da própria coleta.

No Museu de Caça e Pesca

Sangue-de-boi = (*Pyrranga flava* saira) [nome usado em *Cara de Bronze*]

[Rio-Arauco. Gerais da Bahia]

Canindé (arara) = Minas

Gavião-Pardo = (Minas) Vive nos cerrados [nome usado em *Campo Geral*]

Gaviãozinho (Minas) = pega muito pinto.

Gaviãozinho Pintado = (Minas) [nome usado em *Campo Geral*]

Munjolim = (Charadriiforme) Scolopaciadae.

Minas. Insetos e vermes.

Brejos e mangues das lagoas.

Fevereiro = (*Nystalus* (chacara?))

Minas. Insetívoro. Impassibilidade estúpido.

Maria-doida = Insetívoro. Vivem solitários à margem dos rios. [nome usado em *Campo Geral*]

Guaxe = rabo e bico amarelos. Frugívoros e insetívoros. Ave social. Fazem os ninhos pendentes, geralmente à beira dos rios. coruja bóia-olhos

cã-cã = gralhão. (É um interessante gavião) [nome usado em *Campo Geral* e *Grande Sertão: Veredas*]

João-congo = prêto (*Psomocolax oryzivorus*) (do Pantanal) [nome usado no *Grande Sertão*]

Quá = Bandos. Permanece escondido em cima das árvores. Vive nas margens das lagoas. Ictiófago.

Cabeça-seca:

Cafezinho = (Jaçana spinosa jaçana). pés aranha, de grandes. [nome usado em *Com o Vaqueiro Mariano*]

gavião-vermelho (nas Gerais)!

Em consulta à maior parte de sua obra (Rosa 1969, 1984a, 1984b, 2001a, 2001b, 2001c, 2006) se constata em torno de 300 nomes diferentes de aves. Não foi consultado o livro de poemas *Magma* e nem os seus primeiros contos, publicados na revista *O Cruzeiro*, em 1929 (*Caçador de Camurças, Khronos Kai Anagke, Highmore Hall, Makiné*). Isto mostra um interesse extraordinário pelo conhecimento desses nomes.

Na Tabela 1 é apresentada a lista dos nomes usados por Rosa em sua obra. A correspondência entre esses nomes e as respectivas espécies não pode ser feita de forma incontestável, pelo fato de que muitos deles são usados para diferentes espécies. Assim, em muitos casos indicou-se a espécie mais provável, levando-se em conta nomes usados na região palco da obra de Rosa. Da mesma forma, nomes indicados em publicações e outras fontes com as quais sabidamente Rosa teve contato ou pode ter tido contato, por estarem disponíveis à sua época. Na maior parte dos casos são apresentadas notas explicativas da decisão tomada.

Tabela 1. Espécies de aves citadas na obra de João Guimarães Rosa. Nomes científicos atuais de acordo com o CBRO (2009).

Citação em Rosa	Espécie	Estórias em que são citadas (vide Tabela 2)
Acauã	<i>Herpetotheres cachinnans</i> (1)	A, M, U
Albatroz	<i>Diomedea exulans</i> (2)	ZD
Alma-de-gato	<i>Piaya cayana</i>	D, J, M, V, ZF
Alma-de-mestre	<i>Oceanites oceanicus</i> (3)	ZD
Andorinha	Diversas Hirundinidae (4)	L, Q, ZF
Anhinga	<i>Anhinga anhinga</i>	I
Anhuma	<i>Chauna torquata</i>	I, ZQ
Anu	<i>Crotophaga ani</i> (5)	E, F, L, R
Anu-branco	<i>Guira guira</i> (6)	L, M, Q
Anu-preto	<i>Crotophaga ani</i> (7)	M, O, ZW
Araçari	Diversas Ramphastidae	F, Q
Araponga	<i>Procnias nudicollis</i> (8)	ZF
Arara	Alguns Psittacidae	J, L, M, N, P, Q, ZI
Arara azul	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>	I, J
Arara vermelha	<i>Ara chloropterus</i>	M
Arara-brava	<i>Primolius auricollis</i> (9)	I
Ararauna	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i> (10)	Q
Ariari	<i>Dendrocygna viduata</i>	J, P
Azulão	<i>Passerina brissoni</i> (11)	ZF
Azulêjo	<i>Molothrus bonariensis</i> (12)	Q
Baguari	<i>Ciconia maguari</i>	I
Beija-flor	Trochilidae em geral	O, Q, ZI
Beija-flor rabo-de-andorinha	<i>Eupetomena macroura</i> (13)	ZI
Bem-te-vi, bentevi	<i>Pitangus sulphuratus</i> (14)	A, J, M, P, Q, ZF, ZL, ZS
Bento-vieira	(15)	Q
Bico-de-prata	<i>Tachyphonus rufus</i> (16)	ZQ
Bico-miúdo	<i>Nycticryphes semicollaris</i> (17)	U
Bicudo	<i>Sporophila maximiliani</i>	F, G
Biguá	<i>Phalacrocorax brasilianus</i>	I, ZQ
Biguatinga	<i>Anhinga anhinga</i> (18)	ZQ
Birro	<i>Melanerpes candidus</i> (19)	Q
Brujarara	<i>Mackenziaena leachii</i> (20)	U
Caboré	<i>Glaucidium brasilianum</i> (21)	Q
Cacã	<i>Ibycter americanus</i> (22)	M, Q
Cafezinho	<i>Jacana jacana</i> (23)	I
Cairina	<i>Cairina moschata</i>	F
Cambaxilra	<i>Troglodytes musculus</i> (24)	ZW
Canarinho	<i>Sicalis flaveola</i>	B, ZF
Canarinho-cabeça-de-fogo	<i>Sicalis flaveola</i>	J
Cancão	<i>Cyanocorax chrysops</i> (25)	I
Caracará	<i>Caracara plancus</i>	E, L, P, ZQ
Carão	<i>Aramus guarana</i>	I
Carapinhé	<i>Milvago chimachima</i>	D
Catorra	<i>Myiopsitta monachus</i>	I
Caturrita	<i>Myiopsitta monachus</i>	I, ZQ
Cegonha	A cegonha européia (referindo-se à lenda de que as cegonhas trazem os recém-nascidos)	ZO
Cegonha	(26)	ZQ
Cegonhão	<i>Ciconia maguari</i>	F
Codorna	<i>Nothura maculosa</i>	B, L, O, R, ZG
Codorninha buraqueira	<i>Taoniscus nanus</i> (27)	M
Codorniz	<i>Nothura maculosa</i> (28)	O, Q
Coleiro	<i>Sporophila caeruleascens</i>	ZF

Citação em Rosa	Espécie	Estórias em que são citadas (vide Tabela 2)
Colhereiro	<i>Platalea ajaja</i>	I
Colibri	Diversos Trochilidae	ZI, ZU
Coqui	<i>Gnorimopsar chopi</i> (29)	M
Corrupião	<i>Icterus jamacaii</i> (30)	ZF
Coruja	Diversas Strigidae	J, M, P, Q, ZC, ZF
Coruja batuqueira	<i>Athene cunicularia</i> (31)	J
Coruja branca	<i>Tyto alba</i> (32)	J, L, P
Coruja olhuda	Não identificada	P
Coruja orelhuda	<i>Rhinoptynx clamator</i>	Q
Coruja-branca-de-orelhas	<i>Tyto alba</i>	L
Coruja-grande	(33)	P
Corujão	<i>Tyto alba</i> (34)	L
Corujão-de-orelhas	<i>Bubo virginianus</i> (35)	P
Corujão-do-mato	(36)	ZG
Corujinha	Diversas Strigidae	Q
Corvo	<i>Coragyps atratus</i>	Q
Curiango	Diversos Caprimulgidae	N, P, ZG
Curiango (voz: "curí-angú!")	<i>Nyctidromus albicollis</i>	Q
Curicaca	<i>Theristicus caudatus</i>	I
Curicaca-do-brejo	<i>Theristicus caerulescens</i>	I
Curicaca-do-seco	<i>Theristicus caudatus</i>	I
Curiol	<i>Sporophila angolensis</i> (37)	J
Doidinha	(38)	M, Q
Ema	<i>Rhea americana</i>	H, L, M, N, Q, ZJ
Encontro	<i>Icterus cayanensis</i> (39)	J
Fariscadeira	(40)	Q
Fogo-apagou	<i>Columbina squammata</i> (41)	K, O, Q
Frango-d'água	<i>Gallinula chloropus</i>	D, F, I, K, Q
Frango-d'água "azul e verde"	<i>Porphyrio martinica</i>	K
Fruxu	<i>Neopelma chrysolophum</i> (42)	I
Gaivota	Diversas Laridae	ZQ
Gaivota	<i>Larus dominicanus</i> (43)	ZD
Gaivota	<i>Phaetusa simplex</i> (44)	I, Q
Gaivota ("do mar")	<i>Larus dominicanus</i> (45)	ZJ
Galinhol	<i>Gallinula chloropus</i> (46)	Q
Galinhola	<i>Gallinula chloropus</i>	F, I, P
Galo	<i>Gallus gallus</i>	ZF
Galo-do-campo	<i>Mimus saturninus</i>	O
Gangorrinha	(47)	Q
Garça	Diversas Ardeidae	C, D, F, H, I, M, P, Q, ZQ
Garça-branca	<i>Ardea alba</i> , <i>Egretta thula</i> (48)	I, P, Q
Garça-branca-grande	<i>Ardea alba</i> (49)	ZY
Garça-morena	<i>Pilherodius pileatus</i> (50)	I, P
Garça-rosada	Não identificada (51)	Q
Garricha	<i>Troglodytes musculus</i> (52)	ZL
Garricha-do-brejo	<i>Certhiaxis cinnamomeus</i> (53)	Q
Garrichinha	<i>Troglodytes musculus</i>	ZF
Garrixa	<i>Troglodytes musculus</i>	C, K
Garrixa-do-brejo	<i>Certhiaxis cinnamomeus</i> (53)	Q
Garrixo	<i>Troglodytes musculus</i>	Q
Gaturaminho	<i>Euphonia chlorotica</i> (54)	J
Gaturamo	Diversas Thraupidae e Fringillidae (gênero <i>Euphonia</i> )	D, J, ZF, ZI, ZL
Gavião	Diversas Accipitridae	D, E, J, K, L, M, N, O, P, Q, U, X, ZB, ZQ
Gavião ("de penacho")	<i>Morphnus guianensis</i> (55)	D
Gavião casaco-de-couro	<i>Heterospizias meridionalis</i>	H
Gavião indaié	<i>Rupornis magnirostris</i>	E
Gavião-andorim	<i>Elanoides forficatus</i> (56)	Q
Gavião-azul	<i>Leucopternis</i> sp (57)	P

Citação em Rosa	Espécie	Estórias em que são citadas (vide Tabela 2)
Gavião-caçador	<i>Buteo albonotatus</i>	ZH
Gavião-de-penacho	<i>Spizaetus ornatus</i> (55)	O
Gavião-ferrugem	<i>Heterospizias meridionalis</i>	P
Gavião-grande	Não identificado	L
Gavião-pardo "do cerrado"	<i>Heterospizias meridionalis</i> (58)	J
Gavião-pé-de-serra	<i>Buteo melanoleucus</i> (59)	K
Gavião-perdiz	<i>Heterospizias meridionalis</i>	I
Gavião-pinhé	<i>Milvago chimachima</i>	E
Gavião-pombo	<i>Leucopternis sp</i>	G
Gavião-puva	<i>Heterospizias meridionalis</i> (60)	V
Gavião-roxo	<i>Geranospiza caerulescens</i> (61)	U
Gaviãozinho	(62)	J, N, Q
Gaviãozinho-carijó	<i>Rupornis magnirostris</i>	ZF
Gaviãozinho-pintado	<i>Falco sparverius</i> (63)	J
Gralha	Diversas Corvidae	A, ZC
Grapirá	<i>Fregata magnificens</i> (64)	ZD
Graúna	<i>Gnorimopsar chopi</i>	Q
Grunhatá-do-coqueiro	<i>Euphonia violacea</i>	Q
Guainumbi	Diversas Trochilidae	ZI
Guarapirá	<i>Fregata magnificens</i>	ZD
Guaxe	<i>Cacicus haemorrhous</i> (65)	F, G, Q, ZH, ZL
Guaxe de rabo amarelo	<i>Psarocolius decumanus</i>	J
Guaxo	<i>Cacicus haemorrhous</i>	P
Inhambuzinha	<i>Crypturellus parvirostris</i> (66)	J, K, M
Ipeca	<i>Sarkidiornis sylvicola</i>	F
Irerê	<i>Dendrocygna viduata</i>	D, F
Jaburu	<i>Jabiru mycteria</i> (67)	F, I, Q
Jacu	Diversas Cracidae	A, Q, ZG
Jacu-açu	<i>Penelope obscura</i> (68)	P
Jão-pinto	<i>Icterus croconotus</i> (69)	I
Jesus-meu-deus	<i>Arremon taciturnus</i> (70)	Q
João-cabral	<i>Campylorhynchus turdinus</i> (71)	I
João-congo	<i>Molothrus oryzivorus</i> (72)	Q
João-corta-pau	<i>Caprimulgus rufus</i>	A
João-de-barro	<i>Furnarius rufus</i> (14)	F, G, H, J, L, M, P, X, ZF, ZJ
João-do-mato	<i>Notharchus swainsoni</i> (73)	M
João-grande	<i>Ardea cocoi</i>	F
João-pinto	<i>Icterus jamacaii</i> (74)	F
João-pobre	<i>Serpophaga nigricans</i> (75)	M, Q
João-tolo	<i>Nystalus chacuru</i> (76)	X
João-velho	<i>Celeus flavescens</i> (77)	M
Juriti	Diversas Columbidae, em especial dos gêneros <i>Leptotila</i> e <i>Geotrygon</i>	G, K, O, P
Juriti jururu	<i>Leptotila sp</i> (78)	O
Juriti-do-peito-amarelo	<i>Geotrygon montana</i> (79)	M
Juriti-do-peito-branco	<i>Leptotila verreauxi</i> (80)	Q
Lindo-azul	<i>Stephanophorus diadematus</i>	U
Maçarico	Diversas Scolopacidae	P
Macuco	<i>Tinamus solitarius</i>	P, Q
Mãe-da-lua	<i>Nyctibius griseus</i>	J, K, P, Q, ZG
Maitaca	<i>Pionus maximiliani</i>	H, J, L, M, N
Maitacão	<i>Pionus maximiliani</i>	M
Manuelzinho-da-croa	<i>Charadrius collaris</i> (81)	Q
Maracanã	<i>Aratinga leucophthalma</i>	H
Maria-branca	<i>Xolmis velatus</i> (82)	J, L
Maria-com-a-vovó	<i>Synallaxis rutilans</i> (83)	M
Maria-doida	<i>Chelidoptera tenebrosa</i> (84)	M
Maria-faceira	<i>Syrigma sibilatrix</i>	J
Maria-mole	<i>Tigrisoma lineatum</i> (85)	M
Maria-tola-do-cerrado	<i>Knipolegus lophotes</i> (86)	N

Citação em Rosa	Espécie	Estórias em que são citadas (vide Tabela 2)
Mariquinha tece-seda	<i>Parula pitiayumi</i> (87)	ZL
Marreca cabocla	<i>Dendrocygna bicolor</i> (88)	J
Marreco	Diversas Anatidae	F, L, Q, ZX
Marreco de bico grande	<i>Sarkidiornis sylvicola</i> (89)	D
Marrequinim	Diversas Anatidae	Q
Marrequinho	Diversas Anatidae	F, Q, S
Martim-pescador	Diversas Alcedinidae	Q, ZW
Martim-pescador	<i>Megaceryle torquata</i> (90)	ZQ
Melro	<i>Gnorimopsar chopi</i> (91)	C, R, ZW
Mergulhão	Diversas: família Podicipedidae	Q
Mombêbo	<i>Sula leucogaster</i>	ZD
Mutum	<i>Crax fasciolata</i> ou <i>Crax blumenbachii</i>	D, P
Mutum-do-mato	<i>Crax fasciolata</i> ou <i>Crax blumenbachii</i>	A, P
Narceja	<i>Gallinago paraguaiae</i>	F
Narcejão	<i>Gallinago undulata</i> (92)	ZG
Nhambu	Diversas Tinamidae, gênero <i>Crypturellus</i>	J, K, L, P, Q, ZF
Nhambu-chororó	<i>Crypturellus parvirostris</i>	G
Nhambuzinha	<i>Crypturellus parvirostris</i> (66)	J
Nhauma	<i>Anhima cornuta</i>	Q
Noitibó	Algum caprimulgideo (93)	P
Papa-banana	<i>Psarocolius decumanus</i> (94)	M, Q
Papa-capim	Diversas gênero <i>Sporophila</i> e outras	J
Papagaio	<i>Amazona aestiva</i>	H, I, J, K, L, M
Papagaio	Diversas Psittacidae, em especial do gênero <i>Amazona</i>	M, N, O, Q
Papagaio de asa amarela	Não identificado (95)	M
Papagaio-chorão	Não identificado	M
Papagaio-trombeteiro	<i>Amazona aestiva</i>	M
Pardal	<i>Passer domesticus</i> (96)	ZS
Passarinho currupira	<i>Cantorchilus leucotis</i> (97)	I
Passarinho pombo	Provavelmente referindo-se a uma rolinha	Q
Pássaro-d'água	Provavelmente referindo-se de forma genérica às aves do ambiente aquático	ZG
Pássaro-preto	<i>Molothrus bonariensis</i> (98)	H
Pássaro-preto	<i>Gnorimopsar chopi</i> (99)	J
Pássaro-preto	<i>Gnorimopsar chopi</i> (100)	K
Passopreto	<i>Gnorimopsar chopi</i>	C, J, O, P, Q
Páss'o-preto	<i>Gnorimopsar chopi</i>	ZG
Patativo	<i>Sporophila plumbea</i> (101)	F, J, ZF
Patativo borrageiro	<i>Sporophila leucoptera</i>	E
Patinho	Diversas: família Anatidae	D
Pato	Diversas: família Anatidae	F, H, Q, ZD
Pato de cara vermelha	<i>Cairina moschata</i>	D
Pato-bravo	<i>Sarkidiornis sylvicola</i>	D, F
Pato-do-mato	<i>Sarkidiornis sylvicola</i>	D, F
Pato-preto	<i>Cairina moschata</i> (102)	Q
Pato-verde	Não identificado	Q
Paturi	Diversas Anatidae	D, F, P
Pega	(103)	O
Peitica	<i>Empidonomus varius</i> (104)	Q
Peixe-frito	<i>Tapera naevia</i>	H
Perdiz	<i>Rhynchotus rufescens</i>	B, E, J, O, Q
Periquitinho	Diversas Psittacidae	H
Periquito	Diversas Psittacidae	H, I, J, K, M, O, Q, ZQ
Periquito ("pantaneiro")	<i>Myiopsitta monachus</i>	I
Pica-pau	Diversas Picidae	J, L, P, Q, ZF
Pica-pau-carpinteiro	Provavelmente referindo-se aos pica-paus em geral	O
Pica-pau-chanchã	<i>Colaptes campestris</i>	F
Pica-pau-da-cabeça-vermelha	<i>Campephilus melanoleucos</i>	P

Citação em Rosa	Espécie	Estórias em que são citadas (vide Tabela 2)
Pintassilgo	<i>Carduelis magellanica</i> (105)	B, Q, ZF
Pioró	<i>Pyrrhocomma ruficeps</i>	I
Pitangui	<i>Piranga flava</i> (106)	L
Pomba	Diversas Columbidae	M, O, Q
Pomba "cinzenta"	<i>Claravis pretiosa</i> (107)	F
Pomba-de-casa	<i>Columba livia</i>	O
Pomba-do-ar	<i>Patagioenas picazuro</i> (108)	M
Pomba-mineira	<i>Patagioenas cayennensis</i>	G
Pomba-rola	<i>Columbina talpacoti</i> (109)	N, P
Pomba-verdadeira	<i>Patagioenas picazuro</i> (110)	K, Q
Pomba-vermelha-do-mato- virgem	<i>Geotrygon violacea</i> (111)	Q
Pombo	Diversas Columbidae	ZF
Pombo de arribada	<i>Zenaida auriculata</i>	F
Poví	<i>Euphonia violacea</i> (112)	Q
Quem-quem	<i>Cyanocorax cyanopogon</i> (113)	N, Q
Quero-quero	<i>Vanellus chilensis</i>	I
Rexenão	<i>Molothrus oryzivorus</i> (114)	Q
Rola	<i>Columbina talpacoti</i>	L, ZL
Rola fogo-apagou	<i>Columbina squammata</i>	D, K
Rola-vaqueira	<i>Uropelia campestris</i> (75)	Q
Rolinha	<i>Columbina talpacoti</i>	J, O, ZQ, ZS
Rolinha fôgo-apagou	<i>Columbina squammata</i>	K
Rolinha pedrês	<i>Columbina squammata</i>	K
Rouxinol	<i>Luscinia megarhynchos</i>	ZP
Rulengo	Não identificado (115)	M
Sabiá	Diversas Turdidae	E, J, N, P, Q, U, X, ZE, ZF, ZK, ZL, ZX
Sabiá do peito vermelho	<i>Turdus rufiventris</i>	J
Sabiá dos pés de chumbo	Não identificado	ZL
Sabiá pulador	Não identificado	ZL
Sabiá-do-peito-alaranjado	<i>Turdus rufiventris</i>	N
Sabiá-peito-vermelho	<i>Turdus rufiventris</i>	J
Sabiá-ponga	<i>Turdus rufiventris</i> (116)	Q
Sabiá-preto	<i>Turdus flavipes</i> (75)	Q
Sabiazinho-pardo	<i>Turdus leucomelas</i> ou <i>Turdus amaurochalinus</i>	J
Saci	<i>Tapera naevia</i> (117)	Q
Saci-do-brejo	<i>Donacobius atricapilla</i>	Q
Sangue-de-boi	<i>Piranga flava</i> (118)	M
Sanhaço	Diversas Thraupidae	ZF, ZL, ZW
Sanhaço	<i>Thraupis sayaca</i> (119)	J
Sanhaço grande	<i>Saltator similis</i>	J
Saracura	Diversas Rallidae	P, ZG
Sariema	<i>Cariama cristata</i>	ZG
Seriema	<i>Cariama cristata</i> (120)	J, M, N, Q
Socó	Diversas Ardeidae	I, M, P, ZC, ZG, ZQ
Socó-boi	<i>Tigrisoma lineatum</i> (121)	P, Q
Socozinho	<i>Butorides striata</i> (122)	ZQ
Sofrê	<i>Icterus jamacaii</i> (75)	L, M, N
Strix hugula	<i>Strix huhula</i>	M
Suindara	<i>Tyto alba</i> (123)	F, L, P, Q
Suiriri	<i>Tyrannus melancholicus</i> (124)	Q
Tabuiaia	<i>Ardea cocoi</i>	I
Tem-farinha-aí	<i>Cyclarhis gujanensis</i>	A
Tempo-quente	<i>Tapera naevia</i>	M, Q
Tesoureiro	<i>Tyrannus savana</i> (14)	J
Tico-tico	<i>Zonotrichia capensis</i> (125)	C, H, J, ZF, ZL
Tico-tico-rei	<i>Coryphospingus pileatus</i> (75)	J
Tié-piranga	<i>Piranga flava</i> (138)	H

Citação em Rosa	Espécie	Estórias em que são citadas (vide Tabela 2)
Tirirí	<i>Tyrannus melancholicus</i> (126)	Q
Tiziu	<i>Volatinia jacarina</i>	B
Tordo	Diversos Turdidae (127)	ZQ
Trinca-ferro	<i>Saltator similis</i> (128)	Q
Tucano	Algumas espécies de Ramphastidae, especialmente do gênero <i>Ramphastos</i>	I, J, Q, ZG, ZI
Tucano (de bico amarelo)	<i>Ramphastos toco</i>	S
Tucano verde	<i>Ramphastos dicolorus</i>	E
Tucano-açu	<i>Ramphastos toco</i>	E
Tuim	<i>Forpus xanthopterygius</i>	H
Tuiuiú	<i>Jabiru mycteria</i>	I
Turdus flavipes	<i>Turdus flavipes</i>	E
Turdus rufiventris	<i>Turdus rufiventris</i>	E
Uru	<i>Odontophorus capueira</i>	P
Urubu	Diversas Cathartidae, mas em geral deve se referir a <i>Coragyps atratus</i> (129)	E, F, I, J, K, L, M, N, O, Q, ZF, ZQ
Urubu-caçador	<i>Cathartes aura</i> (75)	L, ZJ
Urubú-tinga	<i>Cathartes burrovianus</i> (130)	K
Urutau	<i>Nyctibius griseus</i>	P, Q
Urutau-pequeno	<i>Nyctibius griseus</i>	P
Viuvinha-do-brejo	<i>Arundinicola leucocephala</i>	L
Xenxém	(131)	Q
Xororó	<i>Crypturellus parvirostris</i>	P
Zabelê	<i>Crypturellus noctivagus</i> (132)	E, M, Q
"outra desconhecida, verde-escura esta, parecendo uma grande andorinha"	Não identificada	F
"um sem nome que se saiba"; "canta a toda essa hora do dia, nas árvores do ribeirão: "Toma-a-benção-ao-seu-ti-í-o, João!..."	<i>Saltator similis</i>	L
"vi maiores, inclusive um flor-de-maracujá, roxo e verde" [beija-flor]	<i>Thalurania glaucopis</i>	ZI
"hu-lhu-h'hú" [voz de coruja]	(133)	ZW
"pinh'nhé!" "pinhé" [voz de gavião]	<i>Milvago chimachima</i>	L, ZJ
Maritaca-de-fita-vermelha-atrás-do-bico	<i>Pyrrhura frontalis</i>	M
Marreco "azulado"	Não identificado	D
Marreco "com enfeito de muitas cores"	(134)	D
Marrequinho "de gravata"	<i>Anas bahamensis</i> (135)	F
Marrequinho "rabudo, que assobia"	Não identificado	D
Descrição, vide item 6. Conhecimento dos nomes das espécies	<i>Gallinago undulata</i>	I
Passarinhos "catadores de sementes"	Diversas, gênero <i>Sporophila</i> e outras	P
Pássaro "verde mar com pintas brancas"	(136)	F
Passarinho azul	(137)	P
"três potes" [canto de saracura]	<i>Aramides cajanea</i>	H

(1) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa, consta como sendo "*Deroptyus accipitrinus*". Entretanto é mais provável tratar-se mesmo de *H. cachinnans*, já que é um nome onomatopéico. Rosa usou acauã já antes de 1946 (Sagarana).

(2) "...ou mesmo o albatroz, a grande ave branca oceânica, vinda do nevoeiro para pairar aos círculos em torno às alturas da nave..." Rosa pode não ter se referido a uma espécie em particular, pode tratar-se também de *Diomedea epomophora*, porém *D. exulans* é a espécie que mais frequentemente segue embarcações (del Hoyo 1992). Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa, consta "Diomedea [sic] exulans".

(3) Outras espécies também recebem esse nome popular, mas essa é a de mais ampla distribuição na costa brasileira. (del Hoyo 1992)

(4) Em "O Recado do Morro" pode tratar-se de algum andorinhão (Apodidae): "Cafurnas em que as andorinhas parte do ano habitam, fazendo ninho, pondo e tirando cria, depois se somem em bandos por este mundo, deixaram lá dentro só a ruiva moleja, às ruínas, e sua ardida cheiração."

(5) O nome anu é usado também para o anu-branco, *Guira guira*, porém, quando usado isoladamente em geral se refere ao anu-preto, *Crotophaga ani*. Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa, consta "Crotophaga ani".

(6) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Guira guira".

(7) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Crotophaga ani".

(8) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Chasmorhynchus niveus". Em Aguirre & Aldrichi (1987).

(9) "... ou da arara-brava, verde, de vôo muito dobrado." Na região da Nhecolândia, palco do conto, as duas espécies de araras "verdes" possíveis de corresponderem a essa "arara-brava" são *Primolius auricollis* e *Diopsittaca nobilis*. Segundo Alessandro Pacheco Nunes (inf. pessoal), estudioso da avifauna dessa região, a espécie mais provável de corresponder à ave citada por Rosa é *Diopsittaca nobilis*, que tem "vôo mais dobrado que *Primolius auricollis*".

(10) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Anodorhynchus hyacinthinus [sic]".

(11) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Cyanocomya cyanea".

(12) Esse nome popular é citado para essa espécie, como um nome usado em Minas Gerais, por Descourtiz (1983). Em Nascentes (1949), obra da biblioteca de Rosa (por ele adquirida em 1951), está apenas "pássaro".

(13) "Swallow-tailed kind", referindo-se a essa espécie. (Bates 1864).

(14) Aguirre & Aldrichi (1987).

(15) "Tal, de tarde, o bento-vieira tresvoava, em vai sobre vem sob, rebicando de vôo todo bichinhozinho de finas asas; pássaro esperto." A descrição do comportamento, de captura de insetos em vôo, deixa claro tratar-se muito provavelmente de ave da família Tyrannidae, em que muitas espécies apresentam essa tática de alimentação. O comportamento descrito por Rosa lembra o de *Hirundinea ferruginea*, que é ave de ampla distribuição no Brasil, mas "típico da região cárstica de Minas Gerais" (Sick 1997). Rosa menciona essa espécie nas "Beiras nascentes do Urucuia..."

(16) "Canta, preto puro, sílaba sem fim, o bico-de-prata." Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa, consta como "nome vulgar dos tiês".

(17) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Rostratula semicollaris".

(18) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "o mesmo que anhinga".

(19) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Leuconerpes candidus".

(20) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Thamnophilus leachi".

(21) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Glaucidium brasilianum".

(22) "Isto que digo, sei de cor: brigar no espinho da caatinga pobre, onde o câcã canta." Rosa relaciona esse nome como sinônimo de "gralhão" acrescentando: "é um interessante gavião", em seu Caderno Nº 1 (Museu de Caça e Pesca). De fato, Aguirre & Aldrichi (1987) atribuem esse nome popular a essa espécie.

(23) Nome relacionado a essa espécie no Caderno Nº 1 (Museu de Caça e Pesca). De fato esse nome é atribuído a um espécime dessa espécie (Aguirre & Aldrichi 1984).

(24) Certamente uma corruptela de cambaxirra. Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Troglodytes furvus".

(25) "Txíu, txíu - cantava o canção, preto e branco, de costas azuis." De fato, essa espécie tem um grito que pode bem ser reproduzido dessa forma.

(26) "O socó voa feito uma gaivota, a garça que nem cegonha de frente retraída." Tanto nossa cegonha, *Ciconia maguari*, quanto a européia, *Ciconia ciconia*, voam com o pescoço esticado.

(27) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Nathura [sic] maculosa".

(28) Esse nome consta em Lello & Irmãos (sd), obra da biblioteca de Rosa.

(29) Esse nome não é encontrado na literatura ornitológica (Figueiredo 2009). Os criadores de aves referem o "canto coqui" como uma modalidade de canto do *Gnorimopsar chopi*.

(30) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Xanthornus jamacai".

(31) No documento A Boiada (Rosa s/d a), Rosa escreveu: "a coruja pequena, batuqueira, não faz ninhos. Põe ovos no cupim, ou em buraco de tatú. Elas gostam de ficar na porta - no buraco do cupim."

(32) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Tyto alba".

(33) Pode tratar-se de nossa maior coruja, *Bubo virginianus*. Vive em espaços abertos, podendo, portanto, vir aos quintais: "... dar aviso da coruja-grande, que pega pintos no quintal..." De fato essa espécie alimenta-se também de aves e tem o comportamento de ficar pousada à espreita e descer ao chão para pegar a presa (del Hoyo et al. 1999).

(34) "... só um casal de suindaras certos tempos vinha, ninhavam, esse corujão faz barulho nenhum." Usado aqui como um qualificativo, não um nome popular.

(35) "...do bubulo do corujão-de-orelhas." A palavra usada por Rosa para designar a voz dessa espécie é bastante sugestiva.

(36) Pode tratar-se de *Pulsatrix sp.* Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Strix aluco" que, entretanto, é espécie que não ocorre em nosso continente.

(37) Certamente corruptela de curió. Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa, "curió": "Orizoborus torridus". Em Aguirre & Aldrichi (1987): curió.

(38) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "O mesmo que papa-formigas". Nome incomum na literatura ornitológica (Figueiredo 2009). No Ceará (Girão et al 2007) é usado para *Elaenia flavogaster*.

(39) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Xanthornus pyrrophopterus". Em Aguirre & Aldrighi (1987).

(40) Rosa pode ter usado esse termo na acepção de adjetivo. Consta "fariscar" como "farejar, tomar o faro" em Aulete (1925), obra que Rosa tinha em sua biblioteca, tendo-a adquirido em Lisboa em 1942, conforme registrado a caneta no livro. Senna & Gonçalves (1922) dão fariscadeira como sinônimo de rolinha-do-chão. Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Columbino de Minas".

(41) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Scardafella squamosa".

(42) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Todirostrum fumifrons". Entretanto, a obra em que Rosa cita esse nome é anterior à deste dicionário e refere-se a ave da região da Nhecolândia, no Pantanal.

(43) No conto A Simples e Exata Estória do Burrinho do Comandante (Estas Estórias), que se dá em ambiente marítimo, deve se referir a essa espécie, já que é a mais comum.

(44) No conto Com o Vaqueiro Mariano, estória se que passa no pantanal da Nhecolândia, portanto, aqui deve ser referir certamente a essa espécie (Antas & Palo Jr. 2004). Da mesma forma, esse nome, citado no Grande Sertão: Veredas, que se passa no sertão de Minas Gerais, deve se referir a essa mesma espécie.

(45) O nome gaiivota é atribuído a diversas espécies de aves, mas uma das mais comuns é essa espécie.

(46) Certamente uma variação de galinhola. Essa palavra consta em Lello & Irmãos (sd), livro da biblioteca de Rosa.

(47) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Pássaro canoro de Minas".

(48) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Nome comum a duas aves pernaltas".

(49) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Herodias egretta".

(50) "...mas era gentil o assovio da garça-morena." Nhecolândia.

(51) Não há uma "garça" (família Ardeidae) que se destaque pela cor rosada. Pode tratar-se na verdade do colhereiro, *Platalea ajaja*.

(52) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "O mesmo que corruira".

(53) Essa espécie é chamada de corruira-do-brejo (Vieira 1936).

(54) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa, consta "gaturamo miudinho": "Euphonia aurea serrirostris". Em Reinhardt (1870): "gaturama-miudinha", "Euphonia serrirostris".

(55) Nome atribuído na literatura a algumas espécies de gaviões, como os do gênero *Spizaetus* e *Morphnus guianensis*. Uma possibilidade é *Spizaetus ornatus*. "Ah, e lá, se estava morrendo no solto alguma rês ou um animal, urubu tinha de brigar, por inteiros dias, com o gavião-de-penacho e os lobos-do-campo." (Dão-Balalão) De fato, há relato na literatura (del Hoyo & Sargatal 1994) de urubus predados por *Spizaetus ornatus* em carcaça de macaco. Mas no documento A Boiada (Rosa s/d b) Rosa registrou: "Gavião-de-penacho: grande. Asas pretas peito branco. Assovia". A descrição confere melhor com *Morphnus guianensis* e esta espécie tem uma voz que lembra muito bem um assovio.

(56) "andorim" deve ser uma corruptela de andorinha e *Elanoides forficatus* deve ser a espécie assim nomeada, pela cauda forcada, lembrando a de algumas andorinhas. De fato, no documento A Boiada (Rosa s/d a) Rosa relacionou o "gavião andorinha". Esse nome não foi encontrado na literatura ornitológica (Figueiredo 2009).

(57) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "o mesmo que gavião-pombo": "Leucopternis palliata", "Leucopternis lacernalata [sic]".

(58) Nome relacionado com um espécime dessa espécie, coletado em Minas Gerais em Aguirre & Aldrighi (1983). Rosa registrou esse nome popular em seu Caderno N° 1 (Museu de Caça e Pesca).

(59) No documento A Boiada (Rosa s/d a): "É o maior. É roxo escuro, peito branco. Muito grande, unhas grandes, tipo de águia. Ele roda por baixo, por gerais, mas mora mesmo é no pé de serra".

(60) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "O mesmo que gavião-caboclo".

(61) Nome incomum na literatura ornitológica (Figueiredo 2009), mas usado para essa espécie no Ceará (Girão et al 2007).

(62) *Gampsonyx swainsonii* é o menor gavião do Brasil (Sick 1997), sendo uma das espécies que recebe esse nome. "...o que gaviãozinho quiriQuitou!" De fato, a voz dessa espécie assemelha-se a um "qui-qui-qui-qui..." prolongado. Entretanto, no Caderno N° 1 Rosa relaciona o nome como usado em Minas. De fato, em Aguirre & Aldrighi (1983), um exemplar de *Rupornis magnirostris* coletado em Minas Gerais recebe esse nome.

(63) Provavelmente refere-se a essa espécie, que apresenta pintas bem delimitadas e abundantes nas partes inferiores. Este nome está registrado no Caderno N° 1 (Museu de Caça e Pesca) como usado em Minas. De fato, Aguirre & Aldrighi (1984) relacionam o nome de "gavião-pintado" para um espécime dessa espécie coletado na foz do rio Indaiá, no rio São Francisco, Minas Gerais.

(64) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Tachypetes aquila".

(65) Nome em Reinhardt (1870) obra que Rosa deve ter consultado. Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Lassicus hoemorrhous".

(66) Essa é a menor espécie de inhambu. O ambiente campestre, onde é citada, também é mais próprio dessa espécie, já que as demais são florestais.

(67) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Mycteria mycteria".

(68) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Jacu-guaçu".

(69) Nome em Reinhardt (1870) obra que Rosa deve ter consultado. Nessa obra refere-se a *Icterus jamacaii*, taxon posteriormente desmembrado.

(70) Nome também atribuído ao tico-tico, *Zonotrichia capensis*. Entretanto, deve se referir a aqui a essa espécie certamente, já que Rosa conhecia com certeza bem o tico-tico, já o tendo inclusive mencionado em Sagarana, publicado 10 anos antes do Grande Sertão: Veredas. O nome Jesus-meu-deus é certamente onomatopéico.

(71) Nome não encontrado na literatura ornitológica (Figueiredo 2009), porém, conforme sugerido por José Fernando Pacheco (inf. pessoal), deve ser nome onomatopéico dessa espécie, também chamada de nicolau e catatau. De fato, a vocalização dessa espécie, que é variável, parece corresponder também à descrita por Rosa: "O João-cabral, pequeno, cinzento, gorjeava e bochechava: - Tchô-tchá, tchô-tchá, tchô-tchá!"

(72) Nome relacionado a essa espécie no Caderno N° 1 (Museu de Caça e Pesca). Em Aguirre & Aldrighi (1987).

(73) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Bucco swainsoni".

(74) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Também chamado de corruião e João-pinto". Nome em Reinhardt (1870) obra que Rosa deve ter consultado. Em Aguirre & Aldrighi (1987). No documento A Boiada (Rosa s/d b), Rosa o descreve como "amarelo e preto".

- (75) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa.
- (76) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Bucco chacuru".
- (77) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Coleus flavescens".
- (78) É provável que Rosa quisesse referir-se à voz tristonha da juriti (*Leptotila* sp). Jururu teria então o sentido de triste, melancólico.
- (79) O peito dessa espécie é descrito como marrom-amarelado (Schauensee 1970).
- (80) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Juriti. Espécie de rôla ou variedade de pomba, de peito branco (Zenaide reichenbachi)". Outra possibilidade é *Leptotila verreauxi*. O peito dessa espécie é descrito como cinza róseo pálido, tendendo para o branco na barriga (del Hoyo et al 1997). À distância o peito pode parecer branco.
- (81) "Manuelsinho da Corôa", nome registrado para essa espécie por Richard Francis Burton (1869), em sua viagem por Minas Gerais. Rosa teve esse livro em sua biblioteca pessoal, hoje sob a guarda do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. Também em cartas que enviou (Rocha 1996) Rosa relata ter tido contato com esse livro.
- (82) Vieira (1936) cita o uso desse nome para espécies do gênero *Xolmis* em Minas Gerais. Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Toenioptera nengeta" [*Fluvicola nengeta*]. Reinhardt (1870), obra que Rosa deve ter consultado, também atribui esse nome a *Fluvicola nengeta*. Trata-se esta de espécie originária do nordeste e que expandiu sua distribuição para o sudeste e sul. Pinto (1944) dá sua distribuição no nordeste e para o sul até o leste de Minas Gerais. Entretanto, Reinhardt (1870) já a cita como ocorrendo em Lagoa Santa e Barbacena. Porém, a descrição da voz dada por Rosa (Campo Geral) - "Passarinho maria-branca piava: - Birr! Birr!" - é muito sugestiva de *Xolmis velatus*, como pode ser ouvido na voz dessa espécie depositada no Xenocanto (<http://www.xenocanto.org/browse.php?query=xolmis+velatus>), gravada por Vitor Torga Lombardi em São João Del Rei, Minas Gerais.
- (83) No Caderno Nº 24, onde Rosa registrou informações sobre algumas aves, retiradas do livro *Pássaros do Brasil*, de Eurico Santos, há a anotação: "maria-com-a-vovó: *Synallaxis rutilans*". Esse nome popular é atribuído a essa espécie também em Vieira (1936). Trata-se de espécie amazônica. Rosa pode ter usado esse nome por ter gostado dele, simplesmente, ou por semelhança dessa espécie com alguma outra sua congênera, com ocorrência em Minas Gerais. Refere-se à "maria-com-a-vovó, marceneira" o que deve ser uma referência ao ninho característico dessas espécies, um grande amontoado de gravetos.
- (84) Rosa registrou esse nome em seu Caderno Nº 1 (Museu de Caça e Pesca) acrescentando "Insetívoro. Vivem solitários à margem dos rios". De fato, Aguirre & Aldrichi (1983) atribuem esse nome popular a essa espécie. E essa espécie é insetívora e "gosta da vegetação barranqueira" (Sick 1997).
- (85) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Tigrisoma brasiliensis".
- (86) No documento A Boiada (Rosa s/d b), Rosa registrou: "Maria-tôla ou maria-viúva = preta, com topete, com os encontros brancos. Canta: eu sou viúva! Eu sou viúva".
- (87) Na literatura chamada de mariquita. A qualificação "teceseda" pode ser decorrente do fato dessa espécie fazer um ninho trancado em ramos pendentes de barba-de-velho (*Tillandsia usneoides*) (Sick 1997).
- (88) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Dendrocrygna diacolor".
- (89) O bico é notável por ter uma tuberosidade sobre ele (Sick 1997).
- (90) "mais verdes que azuis, gritando de matraca".
- (91) Em Reinhardt (1870), obra que Rosa deve ter consultado. Em Aguirre & Aldrichi (1987).
- (92) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Capella undulata gigans".
- (93) Nome usado para algumas espécies de Caprimulgidae em Portugal. Relacionado com Podager nacunda em Andrade (1982). Segundo Nogueira (1887) o nome original seria oitibó, dizendo ser "ave noturna, espécie de coruja, que canta no oiti." Oiti é nome de uma árvore (*Licania tomentosa*) onde essa ave teria preferência de esconder-se. Segundo esse autor, Martius teria mudado o nome para noitibó. Entretanto, é muito mais provável que oitibó seja uma corruptela de noitibó, nome que já era usado na Europa antes do descobrimento do Brasil (Houaiss 2001) e que deve ter sido trazido de lá e aplicado também aos nossos caprimulgídeos. A etimologia citada por Nogueira (1887) para oitibó fica para ser esclarecida, bem como se existe de fato algum caprimulgídeo com essa preferência pela árvore oiti. Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Caprimulgus europoeus".
- (94) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Ostinops decumanus". Wagner Nogueira (Ornitobr) já ouviu esse nome ser atribuído ao *Saltator similis*, em Minas Gerais.
- (95) Não há, na região palco das estórias de Rosa, um papagaio (*Amazona spp*) com amarelo de forma destacada na asa. Talvez Rosa tenha se referido aqui ao periquito-de-encontro-amarelo, *Broto-geris chiriri*, a despeito de que seu conhecimento das aves o permitiam sem dúvida distinguir um "periquito" de um "papagaio".
- (96) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Fringilla domestica". Em Aguirre & Aldrichi (1987).
- (97) "De barriga igual vermelha, tiniu o passarinho currupira." No pantanal da Nhecolândia. Uma das aves de barriga vermelha com ocorrência nessa região (Nunes et al. 2005) é o garrinchão-de-barriga-vermelha. De fato, sua voz pode ser interpretada como um tinido. Resta saber por que Rosa o chamou desta forma. Talvez por ser ave da mata e vegetação fechada e eventualmente manifestar-se com sua voz pronunciada com a aproximação de pessoas, como se protegesse os bichos da mata, à moda do curupira, entidade mítica da floresta. Diz a lenda que para assustar caçadores e lenhadores, o curupira emite sons agudos.
- (98) Refere-se aqui certamente ao chopim, que é espécie parasita e tem o tico-tico como um de seus comuns parasitados: "como os tico-ticos, que penam sem cessar para levar comida ao filhote do pássaro-preto - bico aberto, no alto do mamoeiro, a pedir mais."
- (99) "o de pássaro-preto era azul-claro se decorando para verde" (referindo-se ao ovo). De fato, o ovo desta espécie é descrito como tendo "o campo azul celeste" (Santos 1960).
- (100) "pássaros-pretos, palhaços, na brincança".
- (101) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Spermophila plumbea".
- (102) "o pato preto, topetudo".
- (103) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "encontro, xexéu-de-bananeira, soldado". Deve ser *Icterus cayanensis*. Uma ave com esse nome é retratada em Lello & Irmãos (sd), livro que Rosa tinha em sua biblioteca, provavelmente Pica pica, da Europa. Por semelhança, entre nós se trataria de *Cissops leverianus*. Em Aguirre & Aldrichi (1987), esse nome é atribuído a *Cyanocorax cristatellus*.

(104) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Espécie de ave de canto monótono e incômodo". Não há como ter certeza que essa descrição da voz seja de fato de *Empidonomus varius*, porém a voz é de fato repetitiva e parece um ruído de inseto.

(105) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Spinus icterico".

(106) "O pitangui, escarlata, sangue-de-boi." A expressão "sangue-de-boi" pode aqui ter sido usada para enfatizar a cor da ave simplesmente, ou como um outro nome dela. De fato, Burton (1869), obra à qual Rosa teve acesso, relaciona esses dois nomes como sendo da mesma ave. E como Rosa relacionou em seu Caderno N° 1 sangue-de-boi como *Piranga flava*, pitangui seria então essa mesma ave.

(107) Cinza azulada nas partes superiores e cinza clara nas partes inferiores (Schauensee 1970).

(108) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "A maior das pombas selvagens do Brasil".

(109) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Columbigallina talpacoti".

(110) Nome atribuído a essa espécie em Burton (1869), livro da biblioteca de Rosa. Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Espécie de pomba selvagem, também conhecida por pomba legítima e pomba do ar".

(111) Nossa pomba de tons mais avermelhados, também chamada de juriti-piranga e juriti-vermelha (Ihering 1898) e restrita a matas.

(112) Nome citado em Santos (1960) para essa espécie. Rosa consultou essa obra.

(113) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa e em Reinhardt (1870), obra que Rosa deve ter consultado.

(114) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Scaphidurus niger".

(115) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Passarinho canoro de Minas Gerais". Rosa pode ter utilizado o nome encontrado no dicionário simplesmente ou de fato ter conhecido essa ave, o que merece melhor investigação.

(116) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "sabiá-gongá".

(117) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Passarinho, cujo canto imita a pronúncia do seu nome".

(118) Rosa relacionou esse nome em seu Caderno N° 1, atribuindo-o a *Piranga flava*. Esse nome foi mencionado por Burton (1869), que foi leitura de Rosa, o qual não deixa claro a que espécie se refere, mas a descreve como "the crimson Sangre (sic) de Boi", dando, portanto, a entender que a ave tem essa cor predominante, o que sugere ser *Piranga flava*. É interessante que Schauensee (1970) também usa essa mesma cor na descrição dessa espécie. Já o *Pyrocephalus rubinus* é descrito por esse mesmo autor como "vermilion". Citado para essa espécie em Aguirre & Aldrichi (1987). Sangue-de-boi é usado em literatura antiga (Vieira 1936) para *Pyrocephalus rubinus*. Wagner Nogueira (inf. pessoal) ouviu também em Minas Gerais o nome sangue-de-boi sendo usado para essa espécie.

(119) "...muitos sanhaços, aqueles pássaros macios, azulados..."

(120) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Microdactylus cristatus".

(121) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Tigrisoma brasiliense; Ardea brasiliensis Burm."

(122) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Algumas variedades de socó".

(123) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Strix flammea perlata".

(124) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa. Mas também: "Murcicapa (sic) chrysochloris" e "Sisopygis icterophys Vieill." Ambos esses nomes se referem na verdade a *Satrapa icterophrys*.

(125) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Zonotrichia pileata".

(126) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa. Nome em Reinhardt (1870) obra que Rosa deve ter consultado.

(127) Nome utilizado para essas aves em Portugal, não no Brasil.

(128) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Saltator magnus". Entretanto, *Saltator maximus* tem distribuição periférica na região palco das estórias de Rosa, ao contrário de *S. similis*. Uma decisão poderá depender de uma investigação melhor sobre o valor que Rosa deu no uso desses nomes de aves ao rigor biogeográfico.

(129) Em diversas passagens, a forma como Rosa se refere a essa ave, por sua quantidade, comportamento etc. deixa claro tratar-se mesmo dessa espécie. Note-se também, que ele conhecia outras espécies de urubus da região, como o urubu-caçador (*Cathartes aura*) reconhecendo nele uma característica distintiva: "de asas preto e prata" (Recado do Morro) e o urubú-tinga.

(130) Assim referido em Garcia (1913), livro ao qual Rosa eventualmente teve acesso.

(131) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Ave canora do Brasil".

(132) Em Freire (1954), obra da biblioteca de Rosa: "Crypturus noctivagus".

(133) Essa descrição pode corresponder à voz de *Bubo virginianus*. Vide como exemplo a voz gravada por Mazar Barnett em 26/7/1999 na Bolívia, disponível no site Xeno-Canto (<http://www.xeno-canto.org>). Mas pode ser também corresponder à voz de *Strix huhula*, em uma variação de sua voz.

(134) Pode ser *Anas discors* que de fato tem marcas com diversas cores: preto, branco, verde e azul.

(135) Também *Dendrocygna viduata* tem um padrão na garganta que lembra uma gravata, mas essa é tratada pelo nome de irerê na mesma estória. Também não tem uma voz semelhante a "coiacho". Já *Anas bahamensis* tem uma voz que pode ser interpretada como um coiacho.

(136) Uma possibilidade é o jovem de *Plegadis chihi* (José Fernando Pacheco, inf. pessoal).

(137) Pode tratar-se do saí-azul, *Dacnis cayana*, que é ave comum e conspícua e que Rosa não cita em nenhuma outra oportunidade. Da forma em que está citada (Buriti) deve tratar-se de uma espécie em particular e não uma referência a aves em geral dessa cor: "Aviara ninho numa maria-pobre, e ao pé dele se pousava, sempre direito, o passarinho azul que sozinho cantou."

(138) Nome usado para essa espécie em Santos (1960), obra que Rosa consultou.

Termos genéricos, referentes à classe Aves são citados com relativa frequência no decorrer da obra:

Ave: I, M, P, Q, R, T, ZH, ZL, ZO, ZQ.

Passarinho: A, C, D, I, J, K, L, N, O, P, Q, W, Z, ZA, ZF, ZG, ZL, ZQ, ZT, ZV, ZX, ZW.

Passarinhim: M.

Pássaro: A, E, J, K, L, M, N, O, P, Q, S, U, V, Y, ZA, ZD, ZE, ZH, ZJ, ZL, ZM, ZN, ZR, ZT, ZV, ZX, ZW.

**Tabela 2. Estórias nas quais foram citadas aves brasileiras na obra de João Guimarães Rosa.**

Código	Estória [Obra e ano de publicação]
A	O burrinho pedrês [Sagarana 1946]
B	A volta do marido pródigo [Sagarana 1946]
C	Sarapalha [Sagarana 1946]
D	Duelo [Sagarana 1946]
E	Minha gente [Sagarana 1946]
F	São Marcos [Sagarana 1946]
G	Conversa de bois [Sagarana 1946]
H	A hora e a vez de Augusto Matraga [Sagarana 1946]
I	Com o vaqueiro Mariano [publicado em Estas Estórias, mas escrito em 1952]
J	Campo geral [Manuelzão e Miguilim 1956]
K	Uma estória de amor [Manuelzão e Miguilim 1956]
L	O recado do morro [No Urubuquaquá, no Pinhém 1956]
M	Cara-de-Bronze [No Urubuquaquá, no Pinhém 1956]
N	A Estória de Lélío e Lina [No Urubuquaquá, no Pinhém 1956]
O	Dão-Balalão [Noites do Sertão 1956]
P	Buriti [Noites do Sertão 1956]
Q	Grande Sertão: Veredas [1956]
R	Sequência [Primeiras Estórias 1962]
S	Os cimós [Primeiras Estórias 1962]
T	Arroio-das-Antas [Tutaméia - Terceiras Estórias 1967]
U	Droenha [Tutaméia - Terceiras Estórias 1967]
V	Intruge-se [Tutaméia - Terceiras Estórias 1967]
X	Grande Gedeão [Tutaméia - Terceiras Estórias 1967]
W	Lá, nas Campinas [Tutaméia - Terceiras Estórias 1967]
Y	Orientação [Tutaméia - Terceiras Estórias 1967]
Z	Presepe [Tutaméia - Terceiras Estórias 1967]
ZA	Tresaventura [Tutaméia - Terceiras Estórias 1967]
ZB	Vida Ensinada [Tutaméia - Terceiras Estórias 1967]
ZC	Zingarêsca [Tutaméia - Terceiras Estórias 1967]
ZD	A simples e exata estória do burrinho do comandante [Estas Estórias 1969]
ZE	Os chapéus transeuntes [Estas Estórias 1969]
ZF	A estória do Homem do Pinguelo [Estas Estórias 1969]
ZG	Meu tio o Iauaretê [Estas Estórias 1969]
ZH	Bicho mau [Estas Estórias 1969]
ZI	Histórias de Fadas [Ave, Palavra 1947]
ZJ	Sanga Puytã [Ave, Palavra 1947-1967]
ZK	Evanira! [Ave, Palavra 1947-1967]
ZL	Uns Inhos Engenheiros [Ave, Palavra 1947-1967]
ZM	Do Diário em Paris [Ave, Palavra 1947-1967]
ZN	Cipango [Ave, Palavra 1947-1967]
ZO	Em-Cidade [Ave, Palavra 1947-1967]
ZP	Quemadmodum [Ave, Palavra 1947-1967]
ZQ	Ao Pantanal [Ave, Palavra 1947-1967]
ZR	Quando Coisas de Poesia [Ave, Palavra 1947-1967]
ZS	O Lago do Itamaraty [Ave, Palavra 1947-1967]
ZT	Reboldra [Ave, Palavra 1947-1967]
ZU	Circo do Miudinho [Ave, Palavra 1947-1967]
ZV	Jardim Fechado [Ave, Palavra 1947-1967]
ZX	Recados do Sirimim [Ave, Palavra 1947-1967]
ZW	Mais Meu Sirimim [Ave, Palavra 1947-1967]
ZY	As Garças [Ave, Palavra 1947-1967]

Nota: Não foram compilados os nomes de aves citados por Rosa nos contos-poemas em que relata suas visitas a jardins zoológicos.

## 7. Conhecimento da biologia das espécies.

Rosa, em diversas passagens, parece distanciar-se do discurso da ficção, para discorrer como um naturalista, dando detalhes da biologia das espécies de aves, o que, certamente, não interessa à trama da estória. Como se quisesse deixar registradas essas observações. Uma análise melhor desse aspecto da obra de Rosa, deverá ser feita por um dos muitos que a isso têm se dedicado.

Em *O Recado do Morro*, Rosa dedica dois parágrafos inteiros, perfazendo 39 linhas, para descrever, com sua característica linguagem, um ajuntamento de urubus: o cortejo do macho, o horário em que retornavam ao pouso, o lugar onde punham os ovos, o odor, o número de filhotes, sua cor e a sua mudança com a idade, o comportamento deles com a aproximação de humanos, o modo como os pais davam comida aos filhotes e a voz destes. E também o comportamento de briga entre os adultos.

Em *O Recado do Morro*, Rosa, certamente inconformado por não saber o nome de uma ave que ouvia cantar, mesmo assim a inclui no relato: "E longe, piava outro passarinho - um sem nome que se saiba - o que canta a toda essa hora do dia, nas árvores do ribeirão: 'Toma-a-bênção-ao-seu-ti-í-o, João!...'" Utiliza aqui uma técnica muito usada por observadores de aves e ornitólogos, especialmente numa época em que os gravadores eram ainda pouco disponíveis, que é a "descrição fonética" que permite, muitas vezes a identificação de espécies apenas por essa informação (Sick 1997). Trata-se provavelmente do trinca-ferro, *Saltator similis*, que é ave apontada como frequentadora de matas ciliares (Silva & Viellard 2000).

O conto *Uns Inhos Engenheiros* é todo dedicado a falar de aves e em boa parte à descrição da construção do ninho por um casal de sabiás, com sua extraordinária prosa poética, em momento algum apelando para o discurso técnico, mas permitindo, ao conhecedor do assunto, acompanhar o rigor científico da informação.

O conto *As Garças* é inteiro dedicado ao relato da visita de um casal de garças.

Na Caderneta Nº 6 (Intitulada "*Minas Gerais*", com a data 27/5/1952, relatando o percurso feito junto com boiadeiros levando gado) há as seguintes anotações:

baiano (pintado de amarelo e preto, como o sofrê, canta mais bonito que o sofrê).

No brejo: garças; o monjolinho do tamanho do galo do campo, mas "tem muito é pernas", tem o bico preto, comprido, e o pescoço comprido, que fica pendendo e batendo, feito um monjolo. É chumbadinho de preto e branco. Anda aos casais. Faz: - Cuíq, quick!... [*Tringa melanoleuca*]

Ariris: bandos. Gritam: - ariri! ariri! [*Dendrocygna viduata*]  
Quem-quem (no campo, e não no brejo). [*Cyanocorax cyanopogon*]  
Os pinhés gritam. [*Milvago chimachima*]  
Passa uma verdadeira, voando alto. [*Patagioenas cayennensis*]

Nas gaiolas: o passarinho "cigarra". É do sertão. Só vem aqui (na Vargem, em Cordisburgo) nas águas, para reproduzir. Depois que os filhotes estão voando, voltam para o sertão. Costas pretas, ventre e papos claros, com uma listra branca na cabeça. Tamanho de um canário. Canta mais bonito que o pintassilgo.

Patativo - "é azulinho" (gato persa = cor de patativa). [*Sporophila plumbea*]

No lusco-fusco:

- Krrí! Krrí - Kli kli kliklikli!  
(é uma coruja batuqueira).

Curiango, na entrada das águas, gosta de cantar:  
- Amanhã eu vou! [*Nyctidromus albicollis*]

**8. Relacionamento com outros com o mesmo gosto.** No exemplar da publicação "Sons emitidos pelas aves independentemente do órgão vocal...", da biblioteca de Rosa, consta a seguinte dedicação, de próprio punho do autor:

Ao Dr. Guimarães Rosa  
com cordiais cumprimentos de  
H. Sick  
2/4/66

Isso mostra que, pelo menos em uma oportunidade, Rosa deve ter estado com Helmut Sick, eminente ornitólogo brasileiro, do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

### 9. Elaboração de listas de aves.

No Caderno N° 19, em seguida ao título "*Ilha Bananal*", Rosa relaciona diversas espécies, com seus nomes populares e científicos. É possível que tenha sido lista elaborada com base em suas observações durante viagem a essa localidade. Uma hipótese melhor é de que ele relacionou alguns nomes populares usados nessa localidade. De fato, alguns dos nomes parecem inéditos, sendo desconhecidos da literatura ornitológica (Figueiredo 2009), como por exemplo: narcejo (variação de narceja), gavião-pié (corruptela de gavião-pinhê), re-cogó (corruptela de rei-congo), saí-roxo, pintasilgo-do-mato, luluta. É a seguinte a lista:

garça-de-cabeça-preta  
gavião-pié  
gavião-da-fumaça (*Heterospizias meridionalis*)  
narcejo = *Capella paraguayae*  
rolinha-branca = *Columba rufina*  
luluta = *Charadrius collaris*  
anu coroca = *Crotophaga maior*  
maracanã-assú = *Ara severa*  
periquito verde = *Tirica chiriri* (!)  
môcho-prêto = *Cicaba huhula*  
Caborezinho = *Glaucidium brasilianum*  
sabiá-do-brejo = *Donacobius atricapillus*  
saí-roxo = *Cyanerpes cyaneus*  
sanhaço-do-coqueiro = *Thraupis sayaca*  
sanhaço-do-fogo = *Piranga flava*  
papa-arroz = *Molothrus bonariensis*  
Re-cogó = *Ostinops viridis*  
pintassilgo-do-mato = *Hemithraupis guira*  
bico-de-prata = *Ostinops decumanus*  
tico-tico-da-mata = *Arremon taciturnus*  
tiziu = *Volatinia jacarina*  
saí-azul = *Dacnis cyanea*

Vilma Guimarães Rosa (inf. pessoal) confirma que Rosa visitou a Ilha do Bananal, e que ela própria o levou a essa localidade.

### Conclusões

João Guimarães Rosa cumpre, de forma satisfatória, os diversos requisitos para ser considerado um dedicado observador de aves.

A análise das espécies referidas por ele em sua obra não está, certamente, encerrada. Em muitas situações, será possível ainda, com base na frequência das espécies nas localidades onde as histórias tiveram palco, bem como o ambiente de vida dessas, esclarecer ainda muitas identidades. Por exemplo, em citações diversas onde Rosa usou nomes populares genéricos como "andorinha", "araçari", "arara", "coruja", "gaturamo", "jacu", "periquito", "pica-pau" e outras, será possível, com uma investigação mais rigorosa, principalmente por meio da busca de fontes de informação externas à obra, decidir pelo menos a que espécie, com mais probabilidade, ele quis se referir.

Uma revisão exaustiva de todas as anotações referentes a aves constantes nas cadernetas e cadernos de anotações de Rosa é uma pesquisa desejável ainda a ser feita.

Outro ponto que poderá também ser investigado é se Rosa tinha uma ave preferida. A carta que escreveu de Brasília falando a respeito do tucano indica ser esta ave forte candidata a esse posto. Também em *Os Cimos*, Rosa entremeia o enredo da estória com a presença de um tucano e o descreve, bem como a admiração que provocou nos personagens, talvez da forma mais detalhada e emocionada que se referiu a uma ave em toda sua obra (a seguir apenas parte desse texto):

E: - "Pst!" - apontou-se. A uma das árvores, chegara um tucano, em brando batido horizontal. Tão perto! O alto azul, as frondes, o alumiado amarelo em volta e os tantos meigos vermelhos do pássaro - depois de seu vôo. Seria de ver-se: grande, de enfeites, o bico semelhante flor de parasita. Saltava de ramo em ramo, comia da árvore carregada. Toda a luz era dele, que borrifava-a de seus coloridos, em momentos pulando no meio do ar, estapafrouxo, suspenso esplendidamente. No topo da árvore, nas frutinhas, tuco, tuco... daí limpava o bico no galho. E, de olhos arregaçados, o Menino, sem nem poder segurar para si o embevecido instante, só nos silêncios de um-dois-três. No ninguém falar. Até o Tio. O Tio, também, estava de fazer gosto por aquilo: limpava os óculos. O tucano parava, ouvindo outros pássaros - quem sabe, seus filhotes - da banda da mata. O grande bico para cima desferia, por sua vez, às uma ou duas, aquele grito meio ferrugento dos tucanos - "Crrée!"... O Menino estando nos começos de chorar. Enquanto isso, cantavam os galos. O Menino se lembrava sem lembrança nenhuma. Molhou todas as pestanas.

E o tucano, o vôo, reto, lento - como se voou embora, xô, xô! - mirável, cores pairantes, no garridir; fez sonho. Mas a gente nem podendo esfriar de ver.

Mas não pudera combinar com o vertiginoso instante a lembrança da Mãe. [...] E nem a ligeireza de idéia de tirar do bolso o companheiro bonequinho macaquinho, para que ele visse também: o tucano - o senhorzinho vermelho, batendo mãos, à frente o bico empinado. Mas feito se, a cada a cada parte e pedacinho de seu vôo, ele ficasse parado, no trecho e impossivelzinho do ponto, nem do ar - por agora, sem fim e sempre.

[...] Mas, esperava; pelo belo. Havia o tucano - sem jaça - em vôo e pouso e vôo. De novo, de manhã, se endereçando só àquela árvore de copa alta, de espécie chamada mesmo tucaneira. E dando-se o raiar do dia, seu fôlego dourado. Cada madrugada, à horinha, o tucano, gentil, rumoroso: ...chégochégochégo... - em vôo direto, jazido, rente, traçado macio no ar, que nem um naviozinho vermelho sacudindo devagar as velas, puxado; tão certo na plana, como se fosse um marrequinho deslizando para a frente, por sobre a luz de dourada água.

Depois do encanto, a gente entrava no vulgar inteiro do dia.

## Agradecimentos

A José Fernando Pacheco por diversas sugestões acerca da identidade de nomes populares usados por Rosa e indicação de fontes bibliográficas que resultaram muito úteis nessa pesquisa. A Ricardo Pires de Campos, pela dedicada e competente pesquisa de fontes bibliográficas antigas, pesquisas em uma biblioteca e até um telefonema para um antigo amigo, morador na região mineira palco das estórias de Rosa. A Antonio Belchior de Andrade Figueiredo, meu irmão, pelo interesse na pesquisa dos nomes em enciclopédias e internet. A diversos membros dos grupos de discussão na internet Birdwatching e Ornitobr que atenderam solicitação de informações sobre a identidade de alguns nomes populares. A Mauro Guimarães Diniz, pela cessão de cópia digitalizada de um antigo artigo de ornitologia. A Vilma Guimarães Rosa, filha de Rosa, por valiosas informações sobre as relações de Rosa com as aves. A Dione Seripierri, da biblioteca do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo, pela gentíl cessão de cópia digital de documento fundamental nesta pesquisa. A Arthur Macarrão, pela cessão da foto do tucano. A Francisco Mallet e Sérgio Rubens, revisores de Atualidades Ornitológicas, por diversas sugestões que muito valorizaram a redação deste artigo.

## Referências bibliográficas

- Aguirre, A. C. & A. D. Aldrichi (1983) *Catálogo das aves do Museu da Fauna. Primeira parte*. Rio de Janeiro: IBDF.
- Aguirre, A. C. & A. D. Aldrichi (1987) *Catálogo das aves do Museu da Fauna. Segunda parte*. Rio de Janeiro: IBDF.
- Andrade, G. A. (1982) *Nomes populares das aves do Brasil*. Belo Horizonte: SOM/IBDF.
- Antas, P. T. & H. Palo Jr. (2004) *Pantanal. Guia de aves*. Rio de Janeiro: SESC, Departamento Nacional.
- Aulete, C. (1925) *Diccionario contemporaneo da lingua portuguesa*. Lisboa: Typographia da parceria Antonio Maria Pereira.
- Bates, H. W. (1864) *The naturalist on the river Amazons*. 2d ed. London: John Murray.
- Burton, R. F. (1869) *Explorations of the highlands of the Brazil; with a full account of the gold and diamond mines. Also, canoeing down 1500 miles of the great river São Francisco, from Sabará to the sea*. Vol. 2. London: Tinsley Brothers.
- CBRO (Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos) (2009) *Lista das aves do Brasil. Versão 4/9/2009*. Disponível em <<http://www.cbro.org.br>>. Acesso em: 15/9/2009.
- Correia Filho, J. (2001) Rememranças de seu Zito. *Revista Cult* 43:50-55.
- Cory, C. B. (1918) *Catalogue of birds of the Americas. Part II No 1*. Chicago: Field Museum of Natural History.
- del Hoyo, J., A. Elliott & J. Sargatal eds. (1992) *Handbook of the birds of the world. Vol. 1*. Lynx Edicions: Barcelona.
- del Hoyo, J., A. Elliott & J. Sargatal eds. (1994) *Handbook of the birds of the world. Vol. 2*. Lynx Edicions: Barcelona.
- del Hoyo, J., A. Elliott & J. Sargatal eds. (1997) *Handbook of the birds of the world. Vol. 4. Sandgrouse to Cuckoos*. Barcelona: Lynx Edicions.
- del Hoyo, J., A. Elliott & J. Sargatal eds. (1999) *Handbook of the birds of the world. Vol. 5. Barn-owls to Hummingbirds*. Barcelona: Lynx Edicions.
- Descourtiz, J. T. (1983) *História natural das aves do Brasil (Ornitologia Brasileira) notáveis por sua plumagem, canto e hábitos*. 2º ed. Belo Horizonte: Itatiaia.
- Figueiredo, L. F. A. (2009) *Dicionário de nomes populares das aves brasileiras*. Versão: 25 de julho de 2009. Disponível em: [www.ceo.org.br](http://www.ceo.org.br) Acesso em 25 de julho de 2009.
- Freire, L. (1954) *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio. 2ª ed.
- Garcia, R. (1913) *Nomes de aves em língua tupi*. Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio.
- Girão, W., C. Albano, T. Pinto & L. F. Silveira (2007) *Avifauna da serra do Baturité, Ceará: dos naturalistas à atualidade*.
- Houaiss, A., M. S. Villar & F. M. M. Franco (2001) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Ihering, H. von (1898) As aves do Estado de S. Paulo. *Rev. Mus. Paul.* 3:113-476.
- Jobling, J. A. (1991) *A dictionary of scientific bird names*. Oxford: Oxford University Press.
- Lello & Irmãos Ltda (sd) *As aves. Encyclopedia pela imagem*. Porto: Livraria Char-dron.
- Meyer, M. (2006) Natureza em Guimarães Rosa. p. 78-78. In: *Caderno de Resumos: Ciência e Arte 2006 - Simpósio fazendo Arte na Ciência e Simpósio Ciência, Arte e Cidadania 2006*. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz.
- Meyer, M. A. A. (1998) *Ser-tão natureza: a natureza de Guimarães Rosa*. Tese de Doutorado. Campinas: Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.
- Montello, J. (1984) *Diário da manhã*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Nascentes, A. (1949) *Dicionário básico do português do Brasil*. São Paulo: Martins. 1ª ed.
- Nogueira, P. (1887) Vocabulário indígena em uso na província do Ceará, com explicações etimológicas, orthográficas, topográficas, históricas, therapeuticas, etc. *Revista Trimestral do Instituto do Ceará*.
- Nunes, A. P., W. M. Tomas & F. A. T. Ticianeli (2005) *Aves da fazenda Nhumirim, Pantanal da Nhecolândia, MS*. Corumbá: Embrapa Pantanal. (Documentos 81).
- Pinto, O. M. O. (1944) *Catálogo das aves do Brasil e lista dos exemplares existentes na coleção do Departamento de Zoologia. 2a Parte*. São Paulo. Secretaria da Agricultura. Departamento de Zoologia.
- Pinto, O. M. O. (1952) Súmula histórica e sistemática da ornitologia de Minas Gerais. *Arq. Zool., São Paulo* 8(1):1-52.
- Reinhardt, J. (1870) *Bildrag til Kundskab om Fuglefaunaen i Brasiliens Campos*. Vidensk. meddel. Naturhist. Foren. Kjöbenhavn 1-124 e 315-454.
- Revista Cultural (1995) Ano I. N° 1, abr./mai. Pedro Juan Caballero, Paraguay: Gráfica Nice.
- Ribeiro, J. H. & G. Boffa (2001) O vaqueiro poeta. *Revista dos bancários* 69. São Paulo: Sindicato dos Bancários e Financeiros de São Paulo, Osasco e Região.
- Rocha, L. O. S. (1996) João Guimarães Rosa e os maçaricos: do maçarico-de-coleira (*Charadrius collaris*) ao maçarico-esquimó (*Numenius borealis*). *Cadernos da Pró-Reitoria de Extensão da PUC-MG* 6(2):21-42.
- Rosa, J. G. (1969) *Tutaméia. Terceiras estórias*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio.
- Rosa, J. G. (1976) *No Urubuquaquá, no Pinhém*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Rosa, J. G. (1984a) *Noites do sertão*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Rosa, J. G. (1984b) *Sagarana*. Rio de Janeiro: Record.
- Rosa, J. G. (2001a) *Estas estórias*. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Rosa, J. G. (2001b) *Manuelzão e Miguilim*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Rosa, J. G. (2001c) *Ave, Palavra*. 5a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Rosa, J. G. (2006) *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Rosa, J. G. (s/d a) *A boiada 1*. Datilografado. Pasta E28. Arquivo Guimarães Rosa. Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.
- Rosa, J. G. (s/d b) *A boiada 2*. Datilografado. Pasta E29. Arquivo Guimarães Rosa. Instituto de Estudos Brasileiros, Universidade de São Paulo.
- Rosa, V. G. (2008) *Relembrações: João Guimarães Rosa, meu pai*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Santos, E. (1960) *Pássaros do Brasil*. 3ª. ed. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia.
- Schauensee, R. M. (1970) *A guide to the birds of South America*. Wynnewood: Livingston Publishing Company.
- Senna, N. & L. Gonçalves (1922) *Geographia do Brasil. Vol X: Chorografia de Minas Geraes e Chorographia do Amazonas*. Rio de Janeiro: Typ. Lith. Pimenta de Mello.
- Sick, H. (1997) *Ornitologia brasileira. Edição revista e ampliada por José Fernando Pacheco*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Silva, W. R. & J. M. E. Vielliard (2000) A avifauna de mata ciliar. p. 169-185. In: Rodrigues, R. R. & Leitão Filho, H. F., eds. *Matas ciliares: conservação e recuperação*. São Paulo: EDUSP.
- Vieira, C. O. C. (1936) Nomes vulgares das aves do Brasil. *Rev. Mus. Paul.* 20:437-490.